

LITERATURA PÓS-COLONIAL (*NOITES DE VIGÍLIA*): Da tentativa de apagamento ao ressurgimento e reconfiguração do campo discursivo

POST-COLONIAL LITERATURE (*WATCH NIGHTS*): From the attempt of deletion to the resurgence and reconfiguration of the discursive field

LITERATURA POST COLONIAL (*NOCHES DE VIGILIA*): Del intento de supresión al resurgimiento y reconfiguración del campo discursivo

Isidro Albino José¹

RESUMO: A partir do romance, *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, o presente artigo pretende abordar conceitos sobre a literatura pós-colonial como outra forma de fazer literatura fora dos padrões eurocêtricos e hegemônicos, próprios da lógica colonial. Passa-se a pensar a dinâmica da vida a partir de outro lugar ideológico, da base fronteiriça, periférica e subalterna. Pretende-se, também, com este artigo, visitar alguns conceitos como: colonização, literatura pós-colonial e descolonização, e analisar o percurso do sujeito angolano, por meio das personagens do romance escolhido, que vai do sistema colonial à reconfiguração das suas novas estruturas de sujeito que emerge do lugar fronteiriço (espaço de ação), em busca da concretização da liberdade e da adoção de epistemologias diferentes que têm a exterioridade como ponto de partida. Enfim, entendemos que, com a independência das nações colonizadas cresce a consciência do povo sobre a necessidade de reconstruir sua identidade enquanto nação, recuperar sua voz silenciada por séculos e reestruturar seu lugar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Noites de Vigília; literatura colonial e pós-colonial; descolonização; memórias; reconfiguração do lugar discursivo.

ABSTRACT: Based on the novel, *Watch Nights*, of Boaventura Cardoso, this article intends to approach concepts about post colonial literature as another way of making literature outside the Eurocentric and hegemonic standards, typical of colonial logic. One starts to think about the dynamics of life from another ideological place, from the border, peripheral and subordinate base. This article also intends to revisit some concepts such as: colonization, post-colonial literature and decolonization, and to analyze the Angolan subject, through the characters of the chosen novel, which ranges from the colonial system to the reconfiguration of its new subject structures that emerge from the frontier place (space of action), in search of the realization of freedom and the adoption of different epistemologies that have exteriority as a starting point. Finally, we understand that, with the independence of colonized nations, people's awareness of the need to rebuild their

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade de Aveiro – Portugal. albinojoseisidro@gmail.com

identity as a nation, recover their silenced voice for centuries and restructure their place in the world.

KEYWORDS: Watch Nights; colonial and post-colonial literature; decolonization; memoirs; reconfiguration of the discursive place.

RESUMEN: A partir de la novela *Noches de Vigilia*, de Boaventura Cardoso, este artículo pretende abordar conceptos sobre la literatura post colonial como otra forma de hacer literatura fuera de los estándares eurocéntricos y hegemónicos, propios de la lógica colonial. Se empieza a pensar la dinámica de la vida desde otro lugar ideológico, desde la base fronteriza, periférica y subordinada. Este artículo también pretende visitar algunos conceptos como: colonización, literatura post colonial y descolonización, y analizar el curso del sujeto angoleño, a través de los personajes de la novela escogida, que va desde el sistema colonial hasta la reconfiguración del sus nuevas estructuras de sujeto que emergen del lugar de frontera (espacio de acción), en busca de la realización de la libertad y la adopción de diferentes epistemologías que tienen como punto de partida la exterioridad. Finalmente, entendemos que, con la independencia de las naciones colonizadas, la conciencia de los pueblos sobre la necesidad de reconstruir su identidad como nación, recuperar su voz silenciada durante siglos y reestructurar su lugar en el mundo.

PALABRAS CLAVE: *Noches de Vigilia*; literatura colonial y post colonial; descolonización; memorias; reconfiguración del lugar discursivo.

INTRODUÇÃO

Noites de Vigília é um romance de Boaventura da Silva Cardoso, um dos renomados escritores angolanos, muito bem apreciado dentro e fora de Angola, formado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino, “Angelicum”, de Roma, diplomata de carreira, exerceu cargos importantes nos governos de Angola como Secretário de Estado da Cultura, Ministro da Cultura e da Informação, Embaixador em França e na Itália. Autor de várias obras, entre elas *Noites de Vigília* (2012), objeto da nossa análise.

O contexto colonial e pós-colonial de Angola aparece como base inspiradora do autor, porquanto ele revisita tempos e acontecimentos que marcaram a história do país antes e depois da proclamação da Independência que, oficialmente, assinalou o fim da colonização em Angola. As personagens, ao contarem suas histórias, proporcionam ao leitor uma releitura de acontecimentos a partir de visões e experiências diferentes cujos discursos convergem, visto que se trata dos mesmos eventos que fundamentam as diversas narrativas – colonização e guerra civil pós-independência – acontecimentos que marcaram profundamente a sociedade

angolana e que ainda permanecem na memória coletiva do povo, do qual o autor é parte.

Esta obra de Boaventura Cardoso, *Noites de Vigília*, coloca-se na esfera das literaturas pós-coloniais, não apenas do ponto de vista cronológico, mas, sobretudo, pelo deslocamento do campo discursivo e pela estruturação de uma nova lógica, não mais colonial, mas pós-colonial, em que o pós-colonizado tem o lugar de fala e pode, sim, falar de si mesmo a partir do seu ponto de vista e das suas experiências, sem censura e sem cortes.

É, principalmente, sobre o poder de fala do pós-colonizado (representado pelas personagens do romance) que incidirá nossa análise, certos de que, se a colonização é vista como uma prática que investe no processo de silenciamento de um povo e no apagamento de culturas, a Independência, contudo, marca o começo da descolonização e recuperação de elementos culturais marginalizados pelo colonizador. Para a concretização deste artigo apoiar-nos-emos em certos autores, cuja menção faremos no decorrer do desenvolvimento do texto.

COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO À LUZ DO ROMANCE, *NOITES DE VIGÍLIA*, DE BOAVENTURA CARDOSO

Antes de nos debruçarmos sobre a pós-colonialidade, faz-se necessário rever, embora de forma breve, a dialética da colonização, como ponto de partida para se entender o contraponto que se assinala a partir da Independência de uma nação. Já que o romance escolhido para ser discutido é do autor angolano e tem Angola como espaço da narração, cabe aqui referir que, o primeiro contato dos portugueses com o território que é hoje designado por Angola, data de 1482, quando Diogo Cão (um navegador português), a mando do Reino de Portugal, aportou na foz do rio Zaire.

No ano seguinte, com a chegada de mais portugueses ao território recém-descoberto, começava a colonização dos nativos. Tratava-se do início de um intenso e longo processo de exploração, carregado de imposição da cultura do colonizador que incutia no colonizado a ideia de que ele (nativo) era alguém sem cultura. E, se porventura, o seu jeito de ser e viver pudesse ser chamado de cultura, assim

mesmo, tal suposta cultura era considerada inferior ante a cultura do branco (colonizador); por isso, o nativo precisava aderir ao novo jeito de viver para, conseqüentemente, ser civilizado e, possivelmente, ganhar o estatuto de cidadão do país colonizador, como se pode ler na seguinte observação de Nascimento (2008, p.193):

[...] para que os objetivos da colonização fossem alcançados na íntegra, seria necessário exercer também o domínio cultural. Assim, entre outros documentos, foi instituído o 'atestado de assimilação', deixando à margem todos os valores e costumes africanos.

Por conseguinte, a colonização tentava apagar tudo aquilo que pertencia ao autóctone, sob a justificativa de que a cultura do colonizador deve imperar e ser introduzida no dia a dia do colonizado. Instaurava-se, deste modo, um conflito psicológico, social e cultural no seio do povo africano, forçado pelo sistema colonial a substituir seus hábitos e costumes por outros, impostos pelo branco, gerando, assim, um conflito de referências.

De um dia para o outro, os pretos tiveram que se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p. 104).

A imposição da cultura do branco ao negro em processo de colonização faz-nos crer que há, da parte do colonizador, a consciência da supervalorização de um povo e a soberania de uma cultura que deve ser imposta aos demais, reduzindo a nada toda a organização dos Estados africanos, anterior à colonização. Assim, o colonialismo transformava-se, aos poucos, num fenômeno muito além da exploração estrangeira dos recursos naturais de um território, com o uso da mão de obra barata dos nativos; transformou-se, principalmente, na "negação sistematizada do outro, numa decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade" (FANON, 1968, p. 212). Diga-se, também, que não se trata do outro semelhante ao colonizador, o suposto detentor da verdade e da cultura pura; trata-se do sujeito subalterno, aquele que, a partir da leitura de Spivak (2014), entende-se que pertence às camadas mais baixas da sociedade, e sem representação política e legal.

Trazendo esse conceito sobre o “outro” (subalterno) para o contexto colonial angolano, trata-se do autóctone, sequestrado na sua liberdade de ser, fazer e falar, e entregue a boa vontade do seu senhor, dentro da lógica binária colonial (puro/impuro, civilizado/selvagem, branco/preto, bom/mau, e assim por diante) que desvaloriza e apaga a cultura local e impõe a cultura estrangeira importada pelo colonizador.

Sabe-se, no entanto, que, “quando os primeiros europeus desembarcaram na costa africana em meados do século XV, a organização política dos Estados africanos já tinha atingido um nível de aperfeiçoamento muito alto” (MUNANGA, 1986, p. 8). Tal informação [constatação histórica] é prova cabal de que a organização dos Estados africanos não começa com a chegada dos europeus à África; pelo contrário, já existiam monarquias “constituídas por um conselho popular no qual as diferentes camadas sociais eram representadas” (MUNANGA, 1986, p. 8). Diga-se também que, segundo o mesmo autor (Munanga), a ordem social e moral equivaliam à política; ou seja, a organização política passava pela maneira como a comunidade se estruturava do ponto de vista social e moral; isto é, a África não era uma desordem antes da colonização, como algumas narrativas preconceituosas (ancoradas na falsa ciência) tentam fazer parecer.

Certamente, a partir da dinâmica colonial arquitetada pelo colonizador para neutralizar o autóctone – desmoralizar para dominar – constata-se que, o processo da colonização é sustentado por narrativas, com fundamentos na pseudociência, que apontavam para a inferioridade de certos povos, pela simples diferença da estrutura física, pela cor da pele e pelo seu *modus vivendi*. Enfim, criavam-se estereótipos que não passavam de mera “representação de uma falsa realidade” (BHABHA, 1998, P117). Uma pseudociência que, por sinal, ao desvalorizar povos, culturas e civilizações, prestava-se unicamente para sustentar os interesses do colonizador e “desmantelar as suas antigas instituições políticas” (MUNANGA, 1986, p. 9). Aliás, este tipo de prática é próprio da lógica da colonização, no seu processo de dominação, desprezo e tentativa de apagamento das culturas locais.

NOITES DE VIGÍLIA, CONTEXTO E DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO

É exatamente na transição de um regime para o outro (colonialidade e pós-colonialidade, guerra civil e pós-guerra civil) que se situa a obra de Boaventura Cardoso, *Noites de Vigília*, época em que se intensifica a guerra pró-independência que culminaria na Independência propriamente dita de Angola (1975), seguida de uma guerra civil que chegaria ao fim em 2002. O texto é atravessado pelas memórias da guerra que são trazidas à tona por meio de um diálogo entre Quintino, militar do MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola] e Saiundo, militar da UNITA [União Nacional para a Independência Total de Angola].

O diálogo entre dois amigos de infância, que se reencontram após décadas marcadas por guerras (pró-independência e civil), constitui-se como centro da nossa análise e como ponto de partida para a compreensão do novo tempo que se assinala com a liberdade de poder falar de si e da história do povo angolano; fazer da triste memória de guerras um impulso para a transformação da realidade presente e construção de um futuro melhor para os angolanos.

O sonho da liberdade, de certa forma, começava a concretizar-se desde a importante e histórica data de 25 de abril de 1974, como afirmava uma das personagens:

O vinte e cinco de Abril nos trouxe muita alegria, pois significou a liberdade dos tucas, por um lado, e, por outro, o fim do colonialismo português em África. Era chegada a hora de nós mesmos provarmos se o fruto era doce ou amargo. (CARDOSO, 2012, p. 24).

Visivelmente, nota-se, na citação acima, o desejo pela liberdade e necessidade de o povo angolano assumir os destinos sociopolíticos e econômicos da nação, libertando-se, assim, do regime colonial que o oprimia por quase cinco séculos.

Boaventura Cardoso, como quase todos os autores angolanos, na sua obra em análise, neste artigo, não descarta da realidade histórica de Angola para construir seu texto literário. Aliás, faz-se importante referir que as primeiras manifestações literárias em Angola surgiram durante a colonização, com tendência sociopolítica e com forte compromisso de despertar as consciências para a necessidade de se combater a opressão colonial. Neste caso, o escritor surge como um porta-voz, ou melhor, como aquele que dá voz aos sem voz, sinalizando, assim, para um futuro melhor, como bem refere Fanon (1968, p. 193):

O homem colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança. Mas para garantir a esperança, para lhe dar densidade, é preciso participar da ação, engajar-se de corpo e alma no combate nacional. Pode-se falar de tudo, mas quando se decide falar dessa coisa única na vida de um homem, que representa o fato de abrir o horizonte, de levar a luz à sua casa, de pôr em pé o indivíduo e seu povo, então é necessário colaborar muscularmente.

Combater é o verbo adequado para se falar da reação dos africanos ao colonialismo, uma vez que se trata do uso de mecanismos à disposição para tal, que vão desde discursos à concretização da violência, inclusivamente, com uso de objetos letais, como foi nas guerras pró-independência em Angola. A violência, neste caso, deve ser vista como elemento sempre presente no processo colonial, violência do colonizador sobre o colonizado e, por ocasião da independência, a recíproca violência entre colonizador e colonizado. Referimo-nos concretamente da guerra travada entre colonizadores e colonizados (angolanos e portugueses).

Enquanto o colonizador tentava manter o sistema colonial, o colonizado procurava, a todo custo, livrar-se dele. Aliás, como bem se pode inferir de Fanon (1968), a violência, num determinado momento histórico, tornou-se um mal menor indispensável para o homem colonizado libertar-se do jugo colonial. O mesmo autor ainda chega a dizer que “a violência ergue o povo à altura do líder” (FANON, 1968, p. 74). Certamente, não se trata de apologia à violência ou da violência em si mesma, senão daquilo que pode advir dela como benefício para o povo oprimido.

É comum perceber em quase todas as literaturas angolanas, anteriores à Independência, a propensão a denúncias de opressão e à mobilização da sociedade para ações em busca da liberdade. Trata-se de uma sociedade que, aos poucos, foi tomando consciência da necessidade da reação ante o domínio colonial secular e da reposição da paz nacional, ante a guerra civil, como bem refere uma das personagens da obra, *Noites de Vigília*: “[...] importante para mim era contribuir para acabar com a guerra que o inimigo fazia contra nós, e eu sentia muito quando o inimigo atacava e morria o povo inocente, me sentia no dever de defender essas populações [...]” (CARDOSO, 2012, p. 130).

Dever que se assume como uma nobre missão libertadora, como bem dizia Fanon (1968, p. 171 – 172):

Cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir a sua missão, cumpri-la, ou traí-la [...]. Nossa missão histórica, para nós que tomamos a decisão de romper as rédeas do colonialismo, é regular todas as revoltas, todos os atos desesperados, todas as tentativas abortadas ou afogadas em sangue.

O inimigo (de que fala o narrador), no contexto colonial, é o colonizador e, no contexto da guerra civil, que se seguiu à Independência, é aquele que ataca os interesses partidários (que se pretendiam nacionais) tanto de uns quanto de outros, envolvidos no conflito.

No romance em análise percebe-se como o autor articula um verdadeiro diálogo entre a ficção e a realidade histórica do povo angolano e como tendo a literatura como ponto de partida pode-se, por meio da memória, revisitar a história e (re)significá-la para que todas as lutam travadas em contextos diferentes, continuem a fazer sentido. Trata-se de um verdadeiro compromisso com a história. E, certamente, “a relevância do compromisso com a história do país constitui sempre uma característica expressa da literatura angolana” (CHAVES, 2005, p. 69). Trata-se, outrossim, de olhar para a história com o objetivo de ajudar o povo a tomar consciência dos erros do passado e vigiar para que a paz alcançada não se transforme novamente no pesadelo da guerra.

Há sempre uma relação entre o autor, o texto e a realidade (ou contexto), como muito bem nos lembra Antonio Cândido (1918-2017), na sua obra intitulada *Literatura e Sociedade* (1965). Ele chama a atenção sobre a tendência de certos críticos literários que, às vezes, consideram a obra literária como algo incondicional, vista apenas como arte, livre de todas as influências externas. Isso não é verdade. A literatura e a sociedade, segundo Cândido, estão imbricadas e em permanente diálogo.

A literatura angolana vai das lutas pelo fim da colonização e escravidão à reconstrução da nação e ressalta as qualidades e potencialidades do povo angolano. Ela surge como um grito em busca de nova lógica relacional; ou seja, no dizer de Salvato Trigo (1977, p. 15-16), “a literatura negro-africana é um grito do homem negro insultado, submetido, que se reivindica como negro em face do branco no seu orgulho”. Grito de quem reclama pelo seu lugar de onde foi retirado,

grito que se manifesta por meio da arte: literatura, música, pintura e tantas outras artes; grito que denuncia e reivindica.

Nesse grito estão inclusos todos aqueles que, em algum momento histórico, foram colocados à margem da sociedade, independentemente do lugar geográfico e da situação em que se encontrem. Esse movimento em busca do lugar perdido, Salvato Trigo chama de "nacionalismo consciente [...], continuamente irrigado pelo canal da opressão que o sistema colonial fez estender, gradativamente a todos os cantos do território" (TRIGO, 1977, p. 27). Vê-se, no nacionalismo consciente de Salvato Trigo, a reação coletiva de um povo ante a opressão colonial.

Em *Noites de Vigília*, Cardoso faz-nos refletir sobre a necessidade e o valor da liberdade, da vida e da paz e sobre a sua preservação e a constante vigilância, como se fosse uma chama que deve permanecer sempre acesa, sob perigo de mergulhar novamente na escuridão da noite (metáfora das guerras e de tudo quanto delas advém). Pode-se dizer, sem medo de errar, que, as literaturas angolanas sempre desempenharam e ainda desempenham a função sociopolítica no sentido de ajudar os cidadãos a conservarem a liberdade e a paz como um bem maior adquirido com derramamento de sangue; haja vista que, os dois amigos (personagens) em diálogo eram mutilados de guerra, como se pode constatar no seguinte trecho: "Só podia ser operação 'Independência' que nós realizamos em saudação ao décimo quarto aniversário do Onze de Novembro! Por essa altura eu já não estava no ativo, já tinha perdido a minha perna" (CARDOSO, 2012, p. 17). Certamente, esses dois amigos foram dos poucos sobreviventes dos conflitos bélicos que assolaram Angola antes e depois da Independência.

Importa que se diga também que, quando se fala da "função" da literatura em Angola, na época colonial ou pós-colonial, não se pretende condicionar a literatura à realidade como se ela fosse o reflexo perfeito do real, ou como se ela tivesse a função única e absoluta de representar a realidade; muito embora seja verdade que, não existe obra literária totalmente dissociada da realidade, uma vez que ninguém escreve do nada. Há sempre um ponto de partida, uma intertextualidade, uma experiência humana e influências diretas e/ou indiretas, conscientes ou inconscientes na vida do autor e, conseqüentemente, no resultado

da sua obra. Nesta linha de pensamentos, Antonio Cândido, em *Literatura e Sociedade*, também ressalta:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]. (CÂNDIDO, 2006, p. 12).

É exatamente dentro deste contexto da dinâmica das literaturas africanas em geral, e angolanas em particular, que devemos ler *Noites de vigília*, de Boaventura Cardoso, obra situada no pós-colonial e que, usando da memória histórica e psicológica navega entre passado, presente e futuro, por meio das personagens para visitar, revisitar e (re)significar acontecimentos históricos. Trata-se de acontecimentos que envolveram gente de todo o canto de Angola em busca de um objetivo comum – paz e liberdade – como se pode constatar na seguinte citação:

[...] gente de várias partes do país, gente através de quem fui conhecendo um pouco dos hábitos e costumes de vários povos – nossa cultura nos seus diversos sentidos –, e isso era um aspecto que bastava para provar que a nossa tropa era uma expressão do todo unido nacional, [...]. (CARDOSO, 2012, p. 130).

Noites de Vigília surge num contexto totalmente novo, tempo de paz, depois de séculos de colonização portuguesa e de décadas de uma guerra civil que gerou divisões do mesmo povo e graves problemas sociais em todas as vertentes. Em 2012, ano da publicação da obra, o país já contava dez anos que cessaram os conflitos e encontrava-se num crescimento socioeconômico e político significativo. Vigiar, portanto, é a palavra-chave para que não se entre novamente na situação neocolonial e nem na guerra civil, dois eventos traumáticos a serem psicologicamente superados. Tal superação passa pelo resgate da memória coletiva do povo angolano com ênfase na luta pela independência como acontecimento mais importante pelo qual todos se uniram. Tal importância é ressaltada por uma das personagens quando diz:

[...] mas o importante é hoje aceitar e reconhecer que todos os chamados movimentos emancipalistas lutaram contra o colonialismo português, [...] cada um à sua maneira [...] é certo, mas todos afinal lutaram pela independência, isso é que é o mais importante para a história do nosso país. (CARDOSO, 2012, p. 68).

Trata-se da história do povo angolano, guardada na memória coletiva e que vem à tona por meio de Quinito e Saiundo, duas personagens que se reencontram após longos anos de guerra, num mercado a céu aberto, em Luanda, que se chamava Roque Santeiro. A memória dá-lhes a possibilidade de navegarem entre tempos e lugares (passado, presente e futuro) e une seus discursos a outros discursos – que também atravessam a obra – proferidos por outras personagens. Vejamos como o passado sempre volta à memória das personagens na tentativa de valorizar o presente de paz, (fruto de sacrifícios coletivos), e volta também como um alerta a uma constante vigilância para que não se caia novamente na desgraça da opressão e da guerra.

[...] a minha vida durante esses vinte e tal anos foi o rio correndo, saltando, descendo montanhas, se espraiando nos vales, o rio rindo de si, da sua vida errante, do seu andar vagueante, o rio riando farto, caudaloso, riomando, às vezes se apoucando nas suas miudezas, um fiozinho riando, riachando, o quase no nada, a se anular no seu corpo franzino, assim, corregando, a minha vida não é o constante ziguezaguear? Mas, meu amigo, agora te conto esse rio correndo que sou eu, essas águas que não se cansam de parar, esse sempre em movimento em que vivo. E vou te contar esse meu vaguear com as minhas palavras, pensadas por mim mesmo, cavadas no chão movediço da memória. (CARDOSO, 2012, p. 20-21).

Enfim, várias personagens com narrativas e discursos que se cruzam, buscam nos acontecimentos do passado a compreensão do presente e a inspiração para continuarem a lutar por tempos melhores, apesar das suas limitações físicas, resultantes da guerra civil em que estavam obrigatoriamente envolvidos. Limitações essas que metaforicamente podem representar todas as outras, resultantes de conflitos tanto coloniais quanto pós-coloniais. Limitações que vão desde o silenciamento ao apagamento.

É fato que o regime colonial é marcado pelo silêncio do colonizado. Só um tem direito à palavra porque só um sabe. Não há disposição em ouvir e acolher vozes contrárias. Aliás, como bem dizia Foucault (1979), ao longo da história os discursos são validados pela instituição, segundo o critério da ordem das leis

estabelecidas. Ou seja, nem todo o discurso é ouvido e nem todos podem falar. Importa, de que maneira, o autor do discurso e o lugar de onde profere o discurso (para ser ouvido ou não). O colonizado, na sua condição de subalterno, perde a voz diante do seu senhor. É por isso que, a partir do outro lugar e de outros tempos, as personagens, em *Noites de Vigília*, falam, contam suas histórias e sonham. Isso significa pós-colonialidade, descolonização e desconstrução. E, segundo Santos (2003, p. 26),

[...] O pós-colonialismo deve ser entendido em duas acepções principais. A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado.

É exatamente a partir do outro lugar discursivo que se pode entender a novidade que caracteriza o pós-colonialismo. O povo por muito tempo silenciado, agora fala, conta, cria e recria histórias vividas e por viver. As narrativas criadas em torno das lutas pró-independência e da guerra civil visam fortalecer a necessidade de se proteger a liberdade (fim colonial) e a paz (fim da guerra civil). Percebe-se, assim, a necessidade de estar sempre acordados e em permanente vigilância para que o mal não volte a atormentar os angolanos. Neste contexto compreende-se o sentido do título do romance – *Noites de Vigília*.

CONCLUSÃO

O sonho do povo, que se uniu para vencer o colonialismo, era de viver tempos novos de liberdade de ser e fazer e de assistir à explosão do desenvolvimento social, político e econômico da nova nação, recém independente. Antes mesmo da proclamação da Independência os rumores dos conflitos já se tinham instalado no país, porquanto os três partidos que se uniram na luta contra o colonialismo português acharam-se no direito de assumir o governo transitório enquanto se criavam condições para o surgimento da primeira Constituição que regeria o país a partir de então. O desejo de ser o primeiro a governar o país, logo a seguir a Independência, criou desentendimentos e resultou num conflito que mergulharia a nação angolana na maior de todas as desgraças já vividas até então – guerra civil.

Em *Noite de vigília*, portanto, percebe-se que a história real dos conflitos em Angola é o ponto de partida para o desenvolvimento do romance. As personagens contam suas histórias – cada uma à sua maneira – a partir do seu ponto de vista e trazem à tona eventos que coincidem com a real história do povo angolano, vista sob o olhar da literatura. Ao mesmo tempo em que as personagens acenam para histórias tristes de guerra que a uns dizimou e a outros mutilou, há um fluxo de consciência que emerge como contraponto a sinalizar para novos tempos em que se pode contar histórias, contrariamente aos tempos em que só havia uma história digna de ser contada e um narrador autorizado a fazê-lo. Vislumbra-se um novo lugar discursivo, novas relações, nova lógica marcada pela dialética pós-colonial e pós-guerra civil.

Noites de vigília é um romance que reflete muito bem a história e a realidade atual de Angola e dos angolanos; recupera o valor da memória como elemento importante na cultura africana, particularmente na cultura angolana; valoriza as tradições culturais e preza pela conservação da natureza e pela manutenção da liberdade e da paz (frutos de derramamento de sangue de numerosos filhos da terra). *Noites de vigília* revisita eventos históricos, atualiza-os e, a partir deles, desenha o futuro da nação e do povo angolano.

Nossa proposta consistia em discutir, a partir do romance escolhido, sobre temas relacionados à colonização, pós-colonização e descolonização, enquanto caminho percorrido historicamente por homens e mulheres nas lutas pró-independência e na guerra civil que se instalou no país logo a seguir à proclamação da Independência, cujos traumas permanecem na memória coletiva do povo angolano. Torna-se mais interessante ainda ver como tudo isso é representado na literatura enquanto espaço de denúncia, de lutas, de encontros, desencontros e das narrativas.

Pensar fora dos parâmetros estabelecidos pela estrutura colonial é libertador. Trata-se de um pensar livre de condicionamentos e de padrões que oprimem e inibem a criatividade. Quando se dá um passo para fora e passa-se a ver a vida, a história humana, enfim, o mundo a partir de lá, muda o foco, exatamente porque a fronteira passa a ser o lugar de fala; e quando de espectador passa-se a

protagonista, muda a história. O protagonista sabe, sente e pensa que quando ele mesmo fala de si e dos seus a partir do seu próprio contexto social e cultural, faz muita diferença, porquanto ele transpõe limites a ele impostos e passa a viver livre de preconceitos. Enfim, *Noites de Vigília* sugere todas essas vertentes de pensamentos a partir do diálogo que se estabelece entre as personagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi Kharshedji. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994. [tradução brasileira: *O local da cultura*. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 2010].

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Boaventura. (2012). *Noites de Vigília*. Luanda. Terceira Margem, 2012.

CHAVES, Rita. & MACEDO, Tania. *Angola e Moçambique Experiência Colonial e Territórios Literários*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2010.

_____. *Os condenados da terra*. São Paulo. Editora Civilização brasileira, 1968.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19ª ed. São Paulo. Edições Loyola, 2009.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude. Usos e sentidos*. São Paulo. Editora Ática, 1986.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org). *A matriz africana no mundo*. São Paulo. Selo negro edições, 2008.

SANTO, B. S. *ENTRE PRÓSPERO E CALIBAN: COLONIALISMO, PÓS-COLONIALISMO E INTERIDENTIDADE*. [online]. Julho de 2003. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/81691/1/Entre%20Prospero%20e%20Caliban_colonialismo%2C%20pos-colonialismo%20e%20inter-identidade.pdf

SPIVAK, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.



TRIGO, Salvato. *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*. Porto. Brasília Editora, 1977.